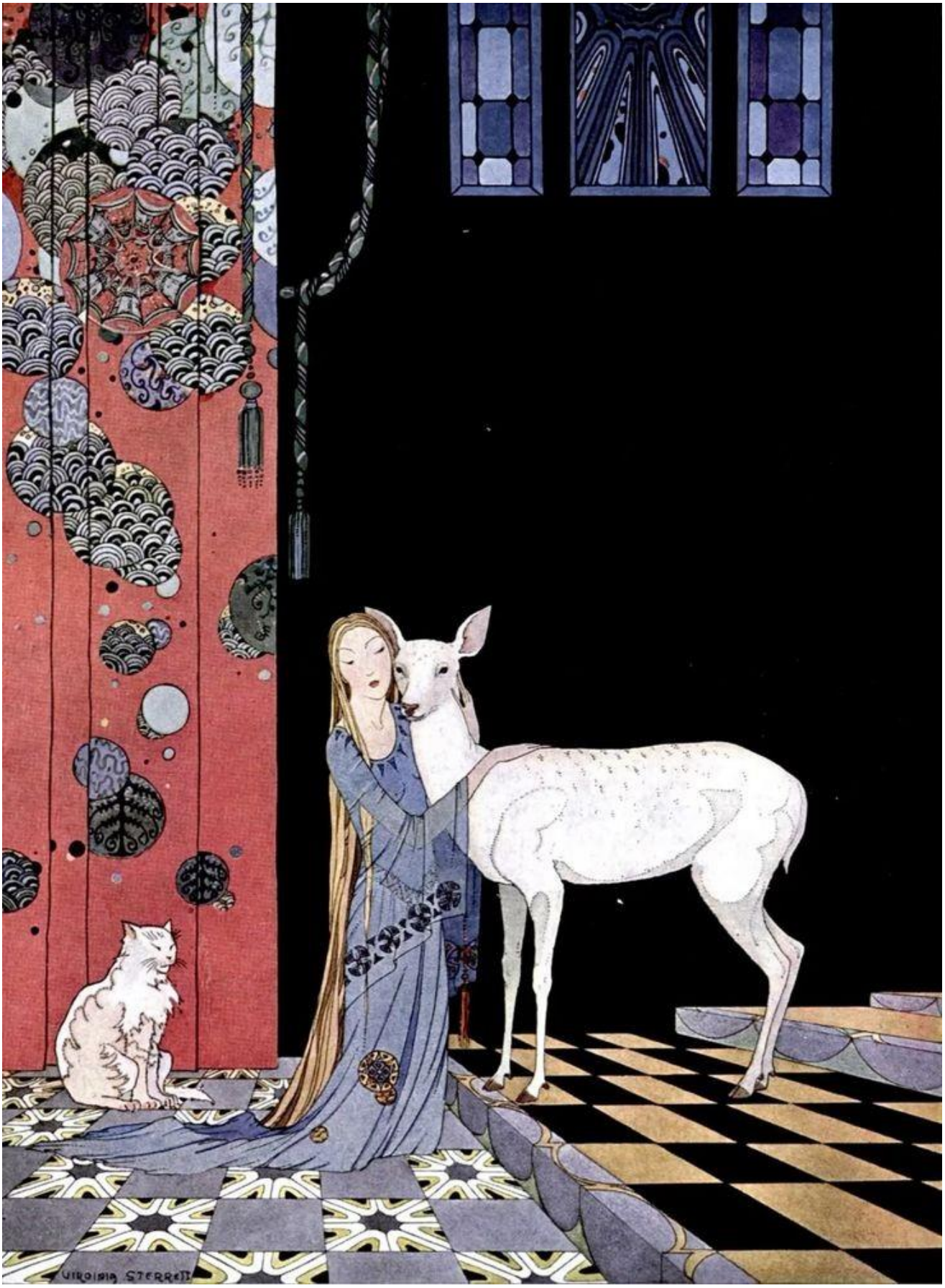
História de Bichano e Corça-branca



SUMÁRIO

HISTÓRIA DE BICHANO E CORÇA-BRANCA 2

PERDIDA NA FLORESTA 4

FLORESTA ENCANTADA 8

O DESPERTAR DE LOURINHA BICHANO 9

CORÇA-BRANCA..... 11

UM SONO MARAVILHOSO..... 14

O PAPAGAIO..... 18

ARREPENDIMENTO 23

A TARTARUGA..... 26

HISTÓRIA DE BICHANO E CORÇA-BRANCA

Era uma vez um rei, que se chamava Benigno; todos o amavam, porque era um homem muito bom, estimava seus súditos e tudo fazia pelo seu povo; somente os maus o temiam, pois se tratava de um homem que aplicava justiça em seu mais estrito sentido.

Sua esposa, a rainha Suave, era também bondosa como o marido. Eles tinham uma filha a quem adoravam: Lourinha, assim chamada devido a seus lindos cabelos, de um magnífico louro, que lembrava as espigas maduras dos trigais, também tão boa e gentil quanto seu pai rei e sua mãe rainha.

Infelizmente, a rainha morreu poucos dias depois do nascimento da princesinha e isso entristeceu tanto o bondoso soberano que chorou dias e dias a fio, sem poder consolar-se.

Lourinha era, então, demasiado nova para compreender que acabara de perder o maior tesouro que uma pessoa possa ter no mundo, por isso não chorou e continuou a rir, a brincar, a mamar seu leite gostoso e a dormir pacificamente.

O rei dedicava imensa ternura à filhinha e cumulava-a de presentes, dando-lhe os mais ricos e lindos brinquedos e as mais deliciosas frutas.

Lourinha era imensamente feliz e amava o rei, seu pai, acima de tudo neste mundo.

Certo dia, os ministros do rei Benigno disseram-lhe que os súditos desejavam vê-lo novamente casado, a fim de que nascesse um príncipe para suceder-lhe no trono. O rei, a princípio, recusou, mas finalmente precisou ceder, ante a insistência manifestada pelos seus vassalos e disse ao seu fiel ministro Bonconselho:

- Meu querido amigo, todos querem que me case de novo, embora eu me encontre ainda tão triste, devido à morte de minha dileta esposa. Não quero eu próprio procurar outra mulher, aquela que será rainha, compartilhando meu trono, portanto, deixo a você a incumbência de encontrar uma princesa que possa tornar feliz também, a minha querida Lourinha. Só lhe peço isto. Parta, Bonconselho, e, quando tiver descoberto uma princesa que reúna os predicados de perfeita mulher, pode pedi-la em casamento por mim e traga-me para a corte.

Bonconselho partiu, sem hesitar. Viajou por todos os países vizinhos e mesmo pelos mais distantes; viu princesas de todo feitio: feias, corcundas, más, antipáticas. Finalmente, chegou à Côrte do rei Turbulento, que tinha uma filha muito bonita, espirituosa, gentil, é que parecia ser, além disso, realmente bondosa. Bonconselho achou-a tão encantadora que lhe pediu a mão para seu rei, sem sequer informar--se se ela era realmente de gênio bom, compreensiva.

O rei Turbulento, bem satisfeito em desembaraçar-se da filha, que possuía um temperamento terrível, ciumenta, orgulhosa, condescendeu imediatamente ao pedido e entregou-a, sem mais aquela, a Bonconselho, para que a levasse ao reino do rei Benigno.

E, assim, Bonconselho partiu daquelas terras, levando consigo a princesa Finória e quatro mil mulos carregados de pertences e joias da moça.

O rei Benigno, que fora previamente prevenido da chegada da princesa, foi esperá-la nas fronteiras do reino. Achou-a assaz graciosa, porém muito diferente, bem longe de possuir o semblante doce e carinhoso da saudosa rainha Suave!

Quando Finória viu Lourinha, fitou-a com olhar tão mau que a pobre menina (então já com três anos) ficou amedrontada e desatou num choro convulso.

- Que tem você, Lourinha?

Perguntou-lhe o rei, aflito.

- Por que a minha boa e inteligente Lourinha chora qual menina caprichosa?

- Papai, paizinho querido - soluçou Lourinha, aninhando-se entre os braços do rei. – Tenho medo dessa princesa; ela me parece tão má!

O rei, espantado, olhou para Finória, que não tivera tempo sequer de mudar a expressão de maldade de seu rosto, de maneira que ele pôde, ainda, perceber o horrível olhar que tanto perturbara Lourinha. Resolveu, diante disso, ficar de atalaia, a fim de que sua filha vivesse separada da nova rainha e permanecesse, como antes, confiada aos cuidados de sua ama e da governanta, que a amavam meiga e apaixonadamente. A rainha, portanto, passou a ver muito raramente a princesinha e quando, por acaso, se encontravam, não conseguia dissimular de todo o ódio que lhe dedicava.

Um ano depois, a rainha teve uma filha, a quem foi dado o nome de Morena, por causa de seus cabelos negros como carvão. Morena era graciosa, porém muito menos que Lourinha e, além disso, era tão má quanto sua mãe e detestava Lourinha, à qual fazia toda sorte de maldades: mordia-a, beliscava-a, puxava-lhe os cabelos, manchava-lhe os lindos vestidinhos.

A bondosa Lourinha nunca se queixava, até procurava desculpar Morena.

- Oh, papai! dizia ao rei. - Não ralhe com ela, é tão pequenina! Ela não sabe o que faz, quando me quebra os brinquedos. Morde-me por brincadeira... É por gracejo que me puxa os cabelos.

- E assim por diante.

O rei Benigno beijava Lourinha e nada acrescentava, mas, em seu íntimo, estava convicto de que Morena tudo quanto fazia era somente por maldade e para irritar a irmã, ao passo que esta, possuidora de nobres sentimentos, avessa à vingança, ainda encontrava jeito de desculpar a agressora. Por isso tudo, aumentava, no coração do magnânimo rei, seu amor por Lourinha e queria sempre menos a Morena.

A rainha Finória, que não era nenhuma tola, como seu próprio nome já o indicava, percebia o que estava acontecendo, via o rei querer cada vez menos à caçula e passou a odiar, em escala sempre maior, sua enteada Lourinha, como se a esta coubesse a culpa da situação criada. E tanto passou a malquerer Lourinha que, se não fora recear a justa cólera do rei que, apesar de tudo, era homem muito justo, Finória encontraria meios para transformar Lourinha na criatura mais infeliz do mundo.

O rei dera ordens rigorosas no sentido de que a enteada jamais se encontrasse a sós com a rancorosa madrasta, e como esta sabia de sobejo que o soberano não transigia em suas ordens, pois era tanto bom quanto amigo da obediência, embora muito a contragosto ela teve que resignar-se e conservar a cólera fervendo-lhe no íntimo, esperando, apenas, uma boa ocasião para vingar-se da inocente princesa.

PERDIDA NA FLORESTA

Os anos foram passando. A situação na Corte permanecia inalterada. A inimizade da rainha Finória pela enteada, porém, era, dia a dia, mais forte.

Lourinha já completara sete anos e Morena três.

O rei presenteara Lourinha com uma bela e graciosa carruagem, pequena, mas que era um verdadeiro primor, puxada por dois lindos avestruzes e guiada por um pajenzinho de dez anos, sobrinho da ama de Lourinha.

O pajem, que se chamava Glutão, amava dedicadamente sua linda princesa e dona, com a qual sempre brincara desde que ela nascera e que o tratava como a um membro da família, cumulando-o de gentilezas. Apesar da grande afeição pela princesinha, Glutão possuía um horrível defeito: era de tal maneira guloso e amava tanto as guloseimas que seria mesmo capaz de praticar a pior ação possível, desde que lhe oferecessem um cartucho de caramelos. Lourinha censurava-lhe tal fraqueza e frequentemente o prevenia:

- Gosto muito de você, Glutão, mas me aborrece vê-lo assim guloso! Peço-lhe, pelo que há de mais sagrado: corrija-se desse defeito, que o torna perigoso a si mesmo e poderá, talvez, levá-lo a cometer algum desatino.

O pajenzinho beijava-lhe as mãos, chorava de desgosto por ver sua patroazinha contrariada, prometia, por todos os santos, emendar-se; todavia, continuava a furtar petiscos da cozinha e por várias vezes foi castigado, devido a tais desobediências.

A rainha Finória, que procurava estar sempre a par de tudo quanto acontecia no palácio real, estava farta de saber o quanto Glutão era guloso e, em seu coração infernal, foi-se formando, aos poucos, um plano satânico, cuja finalidade, como não poderia deixar de ser, era unicamente causar o maior mal possível a Lourinha. Vejamos, agora, em que consistia a diabólica trama engendrada naquele tenebroso cérebro.

O belo e amplo parque em que Lourinha realizava seu passeio diário, na graciosa carruagem puxada pelos avestruzes e guiada por Glutão, estava separado, por um enorme portão de ferro, de uma imensa e magnífica floresta, denominada a Floresta das Açucenas, porque, durante o ano todo, o bosque se conservava repleto de açucenas em flor. Ninguém ousava penetrar naquela floresta, todos sabiam que era encantada, e, quando alguém se aventurava a isso, nunca mais dali saía.

Glutão conhecia muito bem a terrível propriedade do bosque. Fora antecipadamente prevenido a não conduzir a carruagem de Lourinha para aquelas bandas, sob pena de severos castigos. Sim, porque a princesinha poderia, inadvertidamente, transpor o limiar fixado pelo denso e escuro arvoredo e, então, coitadinha dela!

Por muitas e muitas vezes, o rei Benigno ordenara que se levantasse um alto muro em redor do portão, mas, à medida que os operários colocavam as pedras e prosseguiam em sua tarefa, uma força desconhecida, mãos misteriosas e invisíveis, destruíam todo o trabalho dos homens, e estes eram obrigados a iniciar tudo outra vez, o que deixava o rei furioso, visto não encontrar explicação alguma para o estranho fato.

Mas a cruel rainha Finória não dormia, e persistia firme na execução de seu nefando plano. Fingia-se indiferente, parecendo haver olvidado o ódio que dedicava à enteada, mas, em seu negro coração, o espírito do mal tecia a mais negra trama.

Começou por cativar as boas graças de Glutão, mandando-lhe mil e uma iguarias, doces dos mais finos, saborosos petiscos, tentando conquistá-lo pela gula, seu pecado capital. Glutão ia aceitando e comendo tudo, com a maior satisfação, talvez longe de adivinhar que a malvada soberana tudo fazia visando a perversas intenções. Quando o dominou completamente, a ponto de não mais poder ele passar sem as guloseimas, confeitos, geleias e pastelões, que ela lhe proporcionava a mãos cheias, chamou-o a seus aposentos e disse-lhe, em palavras mal disfarçadas:

-Glutão, depende de você obter uma arca repleta de doces finos e salgadinhos preparados pelos melhores cozinheiros do reino.

- Sim? E que devo fazer para merecer isso?

- Um pequeno trabalho.

- Um pequeno trabalho?! - interrogou o pajem, meio desconfiado.

A rainha, para não desmentir seu nome, era realmente finória e, ao ver que o rapaz titubeava, retrucou-lhe, com voz dura:

- Então você se conformaria em não comer mais doces?

- Não comer mais doces? Oh, não, minha senhora! Eu seria capaz de morrer de desgosto. Diga-me, Majestade, que deseja que eu faça para evitar semelhante desgraça?

- Glutão - respondeu a rainha, olhando-o firmemente nos olhos, com ar de poucos amigos. - É preciso que você leve a princesa Lourinha para bem perto da Floresta das Açucenas.

- Ah! Majestade, não posso!... O rei jamais me perdoaria tal coisa!

- Ah! Você não pode? Então, adeus, nunca mais lhe darei um único petisco, e transmitirei minhas ordens a todos do palácio nesse sentido.

- Ah! minha real senhora...- choramingou Glutão.- Não seja tão cruel! Ordene o que quiser, que eu executarei tudo com o maior prazer, mas não me prive daquilo que mais amo neste mundo!

- Repito-lhe: desejo que você leve a princesa Lourinha até à Floresta das Açucenas. Lá chegando, faça-a descer da carruagem e obrigue-a a ultrapassar a cancela e a penetrar no bosque.

- Mas... Senhora... - balbuciou Glutão, empalidecendo contra sua vontade. - Se a princesa entrar naquela floresta, nunca mais poderá sair de lá. Todos sabem que é uma floresta encantada e... mandar a princesinha para lá é condená-la a morte certa.

- Peço-lhe, pela terceira e última vez. Quero que você leve a princesa Lourinha para o interior da floresta encantada. Escolha: ou receber todos os meses um baú repleto de doces ou dizer adeus para sempre à confeitaria

- Mas como poderei, depois, escapar à tremenda punição que o rei por certo me infligirá?

- Não tenha medo. Assim que você conseguir introduzir a princesa Lourinha na floresta encantada, venha para junto de mim. Eu facilitarei sua fuga, com um enorme carregamento de doces, e me encarregarei do seu futuro.

- Oh! Senhora, tenha pena de mim, não me obrigue a matar minha querida patroazinha, que tanto bem me tem feito! Ela sempre foi muito bondosa para mim.

- Então você ainda hesita, seu miserável? E que tem você de se preocupar com Lourinha? Mais tarde você passará a servir Morena, com muito melhor ordenado e vantagem, e eu providenciarei para que nunca lhe faltem as guloseimas que tanto você adora.

Glutão refletiu ainda alguns instantes e resolveu sacrificar sua inocente e bondosa patroazinha somente por alguns quilos de bombons. Durante o resto do dia e da noite, Glutão passou a refletir e a suspirar, mas o pensamento de que jamais poderia saciar sua tremenda gula, caso recusasse cumprir as terríveis ordens da pérfida rainha, e a esperança de voltar a encontrar, algum dia, sua querida princesa Lourinha, graças a alguma boa fada, acabaram por induzi-lo a aceitar a infame missão.

No dia seguinte, às quatro horas da manhã, Lourinha, que era bastante madrugadora, mandou chamar o pajenzinho, para sair com sua linda carruagem puxada por belos avestruzes, abraçou meigamente o rei seu pai, como fazia diariamente, prometendo-lhe estar de volta dali a duas horas, e subiu no carro.

O jardim era vasto e belo, era um imenso parque. Glutão, porém, dirigiu os avestruzes para o lado oposto, não para o lado da Floresta das Açucenas.

Quando já se encontravam tão distante, bem longe do palácio real, de modo que ninguém poderia vê-los, mudou de rumo e encaminhou-se na direção da cancela da floresta encantada. O pajem, entretanto, estava triste e silencioso. Em seu jovem coração, a tortura do remorso já o fazia sofrer atrozmente. O crime que estava para cometer pesava-lhe na consciência.

Isso preocupou a boa princesinha que, ignorando tudo, talvez julgando que seu companheiro não se sentisse bem, perguntou-lhe, aflita:

-Que tem você, Glutão? Nunca o vi tão calado! Está sentindo alguma coisa?

- Não, minha princesinha, nunca me senti tão bem.

- Mas você está tão pálido! Diga-me o que tem, Glutão! Prometo-lhe que farei tudo quanto estiver ao meu alcance para torná-lo satisfeito.

A bondade de Lourinha esteve a pique de salvá-la, tanto Glutão ficou comovido com aquelas doces palavras. Entretanto, a lembrança das falsas promessas da rainha, a visão dos petiscos que receberia pelo resto da vida e o pensamento do castigo que o aguardava, caso incorresse em desobediência, foram bem mais fortes e, assim, acabaram sobrepujando aquele momentâneo instante de hesitação.

E, além disso, antes que Glutão respondesse, os avestruzes já haviam chegado ao limiar da floresta encantada.

- Oh! que magníficas açucenas! Que maravilha de flores! - exclamava Lourinha, transbordando de alegria ante o maravilhoso espetáculo da mata em flor. - Como eu gostaria de apanhar um belo ramalhete e levá-lo para meu pai! Vamos, Glutão, desça e vá buscar-me um montão de flores!

- Não posso descer, princesa! Os avestruzes poderiam assustar--se com a minha ausência e partir em desabalada carreira pela estrada.

- E daí? Que importância teria isso? Eu mesma saberia guiá-los de volta ao palácio...

- Mas o rei me censuraria por abandoná-la sozinha. É melhor que vá a senhora mesma colher as flores...

- Tem razão - concordou Lourinha. - Eu não ficaria em paz com a minha consciência, se soubesse que você foi castigado por minha culpa, meu pobre Glutão.

E, mal acabara de pronunciar estas palavras, Lourinha saltou agilmente da carruagem, ultrapassou o pesado portão e passou a colher as açucenas, entusiasmada realmente com as vistosas flores.

Glutão ainda sentiu um instante de perturbação, chegou a estremecer e o remorso lhe atenazou o coração. Tentou, em vão, reparar o mal que fizera, chamando em altos brados Lourinha, mas, embora a menina estivesse a apenas dez passos de distância, ela não lhe ouvia a voz e enveredava cada vez mais pela floresta adentro. Glutão ainda a viu apanhando flores, sempre mais distante, tornando-se pequenina, pequenina, até que ela desapareceu duma vez.

Então, o infiel pajem não pôde mais conter sua mágoa e desatou num pranto amargo, derramando torrentes de lágrimas; amaldiçoou sua gula e detestou a rainha Finória.

Não soube explicar a si mesmo quanto tempo ali permaneceu, mas o pensamento de que estava próxima a hora de regressar ao palácio, sem Lourinha, pareceu galvanizá-lo. Saiu às carreiras, rumo ao Paço Real, entrou nas cavalariças e correu para junto da rainha, que o esperava ansiosamente.

Ao vê-lo tão pálido e com os olhos rubros de tanto chorar, a malvada logo adivinhou que Lourinha estava perdida.

- Está tudo feito? - perguntou.

Glutão não teve forças para falar. Limitou-se a acenar afirmativamente, com a cabeça. Naquele instante, viveu mil mortes, como castigo de seu pecado

- Vem cá! - disse-lhe Finória.- Eis aqui sua recompensa.

E, ao dizer aquelas palavras, a rainha apontou-lhe para uma arca, cheia, a transbordar, de doces de toda espécie. Chamou um servo e ordenou-lhe que pusesse a arca no dorso de uma mula. Depois, disse ao pajem, que continuava cabisbaixo:

- Confio-lhe esta arca e a mula, Glutão, para que você vá para a corte de meu pai. Parta descansado e, daqui a um mês, volte, que eu o protegerei. Não tenha receio, nada lhe acontecerá. Quando quiser mais doces, é só mandar buscar.

Dito isto, ela entregou-lhe uma bolsa cheia de moedas de ouro. Glutão saltou para cima da mula, sempre silencioso. O remorso embargava-lhe a voz.

Glutão partiu a galope, mas, bem depressa, a mula, que era teimosa e má, aborrecida por ser obrigada a carregar tamanho peso nas costas, começou a escoicear, a empinar-se toda, e tanto fez que acabou atirando Glutão e a pesada arca ao chão.

O pajem, que não estava habituado a montar cavalos e muito menos mulas, bateu com a cabeça numa pedra e morreu no mesmo instante.

Assim, Glutão não pôde sequer gozar o proveito tão ambicionado, que o levara a cometer tão horroroso crime contra a confiante princesinha, que tanto o adorava.

E ninguém teve pena dele, pois ninguém nunca o apreciara, a não ser a pobre Lourinha, que iremos encontrar na Floresta das Açucenas.

FLORESTA ENCANTADA

Quando Lourinha se encontrou na floresta, passou a colher as maravilhosas açucenas, bastante feliz por poder apanhar flores tão belas e vistosas como jamais vira em sua vida. E, quanto mais colhia, mais belas ela achava as flores. Nem sabia o que fazer. Após encher o regaço com algumas açucenas, atirava-as fora, pois, via outras mais formosas ainda.

Já havia transcorrido muito mais de uma hora, desde que Lourinha penetrara na floresta; sentia calor e começava a demonstrar cansaço. As flores formavam vários ramalhetes, e eram pesadas de carregar.

Lourinha pensou, então, em voltar para o castelo real. Olhou para trás, para todos os lados, e viu-se sempre rodeada de açucenas. Chamou Glutão, em altos brados, mas ninguém lhe respondeu ao aflito apelo.

- Estou vendo que me afastei muito mais do que pensava - murmurou Lourinha, entre si.

- Retomarei o caminho de volta, embora me sinta algo cansada. Glutão deve ter dado pela minha ausência e virá, certamente, ao meu encontro.

Caminhou, caminhou, mas nunca vislumbrava o fim da floresta. Chamou mais algumas vezes por Glutão, mas ninguém lhe respondia, e sua voz se perdia na densidade da floresta encantada. Lourinha começou, aos poucos, a assustar-se.

- Meu Deus! - lastimava-se ela. - Que farei aqui, sozinha na floresta? Que pensará meu bom papaizinho, ao ver que não regresso ao castelo? E o pobre Glutão (ela ainda, em seu coração bondoso e inocente, pensava no eventual castigo do falso pajem) como ousará voltar ao palácio, sem mim? Irão gritar com ele, talvez lhe batam... e tudo isso por minha causa, por minha culpa, porque eu quis apanhar açucenas... Pobre de mim! Vou morrer de fome e sede nesta floresta... se os lobos não me devorarem ainda esta noite!

E Lourinha caiu, exausta e apavorada, aos pés de um nodoso tronco, passando a chorar amargamente.

A princesa chorou durante muitas horas, mas, afinal, o cansaço sobrepujou o pavor. Abandonou a cabeça sobre os ramalhetes de açucenas e adormeceu.

Adormeceu e sonhou. Foi um sonho tão lindo como jamais tivera.

A rainha apareceu-lhe num lindo vestido celeste; parecia realmente uma santa, com seus olhos azuis muito meigos e os louros cabelos que lhe enfeitavam a cabeça, qual um diadema de ouro. Em seu redor, brilhava uma luz estranha e maravilhosa.

As palavras maternas incutiram-lhe, mesmo em sonho, firme confiança no futuro.

- Lourinha, minha filha, não perca, nunca, a fé e continue sendo sempre boazinha e amando aos seus semelhantes. Embora a vida lhe apresente, por vezes, algum contratempo, não desanime. Lembre-se de que sou sua mãe e, esteja onde estiver, sempre a protegerei, desde que você se conserve digna e pura, sem maus sentimentos no coração. disse-lhe a mãe.

Disse isso e desapareceu num halo luminoso, tal como chegara.

O DESPERTAR DE LOURINHA BICHANO

Lourinha, realmente, foi protegida: nenhuma fera ou animal silvestre lhe perturbou o sono inocente. O frio não deu o ar de sua graça e, assim, a princesinha somente acordou no dia seguinte, com o sol já bem alto. Esfregou os olhos, bastante surpresa em ver-se rodeada de árvores, ao invés de encontrar-se em seu lindo quarto, no palácio. Chamou a governanta, pois ainda acreditava que tudo aquilo não passava de um pesadelo. Como resposta, ouviu apenas um suave miado.

Espantada, quase fora de si, olhou para o chão e viu, bem aos seus pés, um magnífico gatinho branco, que a olhava com ternura, sempre miando mansamente.

- Oh! Bichano! Como você é bonito! - exclamou Lourinha, alisando o macio pelo do bichinho, alvo como a neve.

- Quanto estou contente em vê-lo! Bichaninho, você vai levar-me para sua casa, não vai? Mas eu me sinto com tanta fome que não terei forças sequer para caminhar.

Lourinha ainda não terminara tais palavras e Bichano se pôs novamente a miar; mostrou-lhe, com a mimosa patinha, um pequeno embrulho, envolto numa finíssima toalha branca.

Lourinha abriu-o, e nele encontrou vários apetitosos sanduíches, com bastante manteiga. Experimentou um. Achou-o delicioso e deu um pedacinho a Bichano, que se pôs a saboreá-lo com muito entusiasmo.

Quando Lourinha e Bichano terminaram de comer, a princesa curvou-se para o gatinho, acariciou-o e disse-lhe:

- Obrigada, querido Bichano, pelo bom lanche que me proporcionou. E, agora, você saberia levar-me para o castelo de meu pai, que, certamente, deve estar desesperado com a minha ausência?

Em resposta, Bichano sacudiu a cabeça, emitindo um plangente miado.

- Ah! Então você me compreende, Bichano! - exclamou Lourinha. - Já que tem tanta pena de mim, leve-me para uma casa qualquer, para que não morra de fome, de frio e de terror, nesta espantosa floresta.

Bichano olhou bem para a princesinha, fez com a branca cabecinha um pequeno sinal, demonstrando que entendera; levantou-se, deu alguns passos e virou-se para ver se Lourinha o acompanhava.

-Eis-me aqui, Bichano - disse Lourinha. - prontamente eu o acompanho! Mas, como faremos para atravessar esses arbustos, tão emaranhados? Não vejo nenhum atalho através deles!

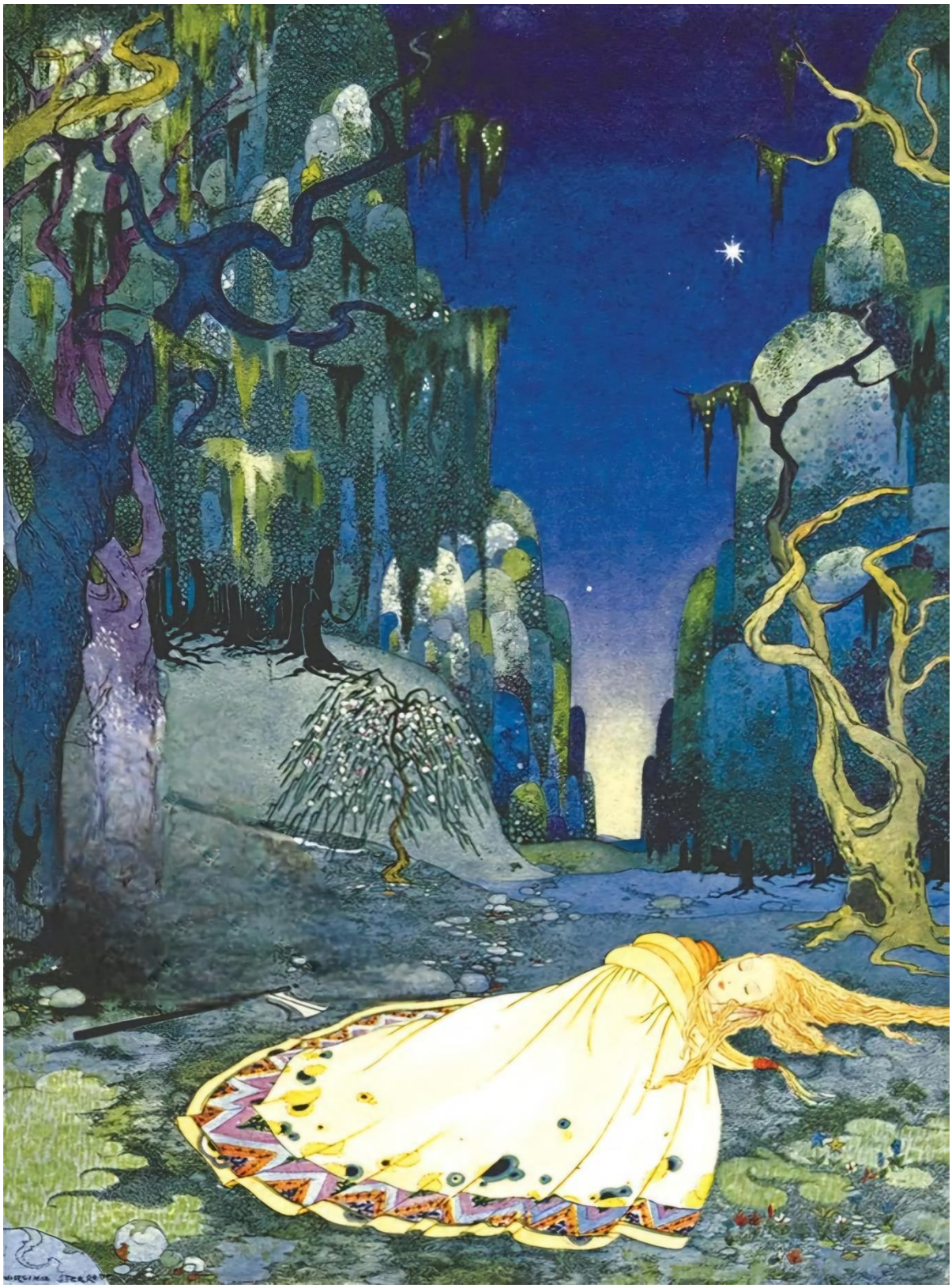
Bichano, como resposta, atirou-se por entre os arbustos, que imediatamente se abriram e deram caminho a Lourinha e seu guia, voltando a fechar-se, após a passagem de ambos.

Lourinha andou, andou, durante mais de uma hora. Mais avançava pelo mato adentro, mais a floresta lhe parecia clara e luminosa, mais tenra a erva, mais abundantes as flores, que brotavam por toda parte. Ouvia-se o canto melodioso dos pássaros, enquanto travessos serelepes trepavam pelo arvoredo, fazendo mil caretas.

Finalmente, após muito andar, Lourinha vislumbrou um esplêndido castelo.

Bichano levou-a para junto da senhoril mansão, que era toda dourada. Lourinha não sabia como entrar, pois ali não existia campainha alguma e o portão estava hermeticamente fechado.

Depois de passar alguns minutos, procurando descobrir um meio para entrar, Lourinha virou-se, mas o Bichano sumira, deixando-a sozinha.



CORÇA-BRANCA

Bichano penetrara através de uma pequena passagem existente na espessa sebe, uma fresta que parecia feita especialmente para ele. Com certeza, lá dentro, prevenira alguém, porque o portão se escancarou, sem que Lourinha houvesse batido nem chamado.

Lourinha entrou no pátio, mas não viu viva alma. A porta abriu-se sozinha, silenciosamente. A princesinha penetrou num vestíbulo, cujas paredes eram do mais fino mármore branco e, tal como à entrada, todas as portas se abriram. Lourinha percorreu uma infinidade de salões, um mais belo que o outro. Percebeu, afinal, ao fundo de um deles, todo decorado de azul e ouro, uma corça branca, sobre um tapete recoberto de ervas finas e aromáticas. Bichano estava-lhe ao lado. A corça notou a presença de Lourinha e foi-lhe ao encontro, dizendo:

- Seja bem-vinda, querida Lourinha, pois já faz tanto tempo que eu e meu filho Bichano a esperamos.

E, ao ver que Lourinha parecia encabulada ao ouvir tais palavras, acrescentou:

- Tranquilize-se, Lourinha, está entre amigos! Conheço o rei seu pai e o amo tanto quanto amo você.

Lourinha estava realmente admirada com o que via e ouvia.

- Oh! minha Senhora! - exclamou. - Se conhece o rei meu pai, faça-me o grande favor de levar-me à sua presença quanto antes, pois ele deve estar tão aflito com a minha ausência!

- Minha querida Lourinha - respondeu Corça-branca, suspirando - não está em meu poder a possibilidade de devolvê-la a seu pai, pois você se encontra nas mãos do mago da Floresta das Açucenas. Eu também sou obrigada a obedecer a seu poder superior... Posso somente enviar a seu pai sonhos que o tranquilizem quanto à sorte de você e que o informem de que está aqui comigo, em segurança.

- Que está dizendo, minha Senhora? - perguntou Lourinha, completamente fora de si pela angústia que lhe dominava o coraçãozinho. - Então, nunca mais verei meu pai? Meu pobre pai.... que amo tanto!

- Cara Lourinha, não pensemos no futuro. A sabedoria sempre é recompensada. Vai rever seu pai, mas não já, somente daqui a algum tempo. Nesse interim, conserve-se dócil e boazinha, como sempre foi. Bichano e eu faremos o possível para que você seja completamente feliz aqui.

Lourinha suspirou, e as lágrimas correram-lhe pelas faces. Depois, pensou que dessa maneira recompensava muito mal a bondade demonstrada por Corça-branca, mostrando-se aflita por encontrar-se com ela; por isso se conteve e esforçou-se em conversar alegremente.

Corça-branca e Bichano levaram-na para ver o apartamento que lhe haviam destinado. O quarto de Lourinha estava todo enfeitado, com tapeçaria de seda cor-de-rosa, bordada a ouro; os móveis eram de veludo branco, com aplicações de seda, de cores brilhantes, representando todos os animais, pássaros, borboletas, insetos. Junto ao quarto de Lourinha, ficava seu quarto de trabalho, revestido de damasco azul celeste, com franjas de pérolas. Nas paredes, num belo efeito, destacavam-se dois magníficos retratos, que representavam uma jovem e soberba mulher e um simpático moço.

- De quem são esses retratos, minha Senhora? - perguntou Lourinha, curiosa.

- Foi-me proibido responder a essa pergunta, querida Lourinha. Mais tarde, irá sabê-lo. Mas, eis que chegou a hora de almoçar. Venha, Lourinha, você deve estar com bastante fome.

Na verdade, embora não o demonstrasse, Lourinha estava morrendo de fome. Seguiu Corça-branca, e entrou numa sala de jantar, onde se via uma belíssima e estranha mesa, singularmente posta. No soalho, estava uma enorme almofada de veludo branco, destinada a Corça-branca, e, diante de seu lugar, à mesa, um feixe de ervas escolhidas, frescas e suculentas. Junto às ervas, havia um balde de ouro, cheio de água fresca e límpida. A frente de Corça-branca, encontrava--se um banquinho para Bichano e, na mesa, para ele, uma tigela de ouro, repleta de peixinhos fritos e coxinhas de galinha e uma baciazinha de cristal de rocha, transbordando de leite fresquíssimo.

Entre Corça-branca e Bichano, estavam os pratos e o talher de Lourinha. Para a princesinha, fora preparada uma pequena poltrona de marfim entalhado, guarnecida de veludo encarnado, preso com pregos de diamante. A sua frente, via-se, ainda, um prato de ouro, finamente trabalhado, contendo uma deliciosa sopa, feita de frangos novos e pássaros raros. Seu copo e o lindo jarro eram do mais puro cristal de rocha. Um apetitoso bolo figurava ao lado da colher, que era de ouro, tal qual o garfo. O guardanapo era de batista tão fina como jamais se vira igual. Desempenhavam as funções de copeiras duas graciosas gazelas, que exibiam portentosa habilidade no mister; elas ofereciam os pratos, cortavam a carne e adivinhavam todos os desejos de Lourinha e de seus dois estranhos comensais.

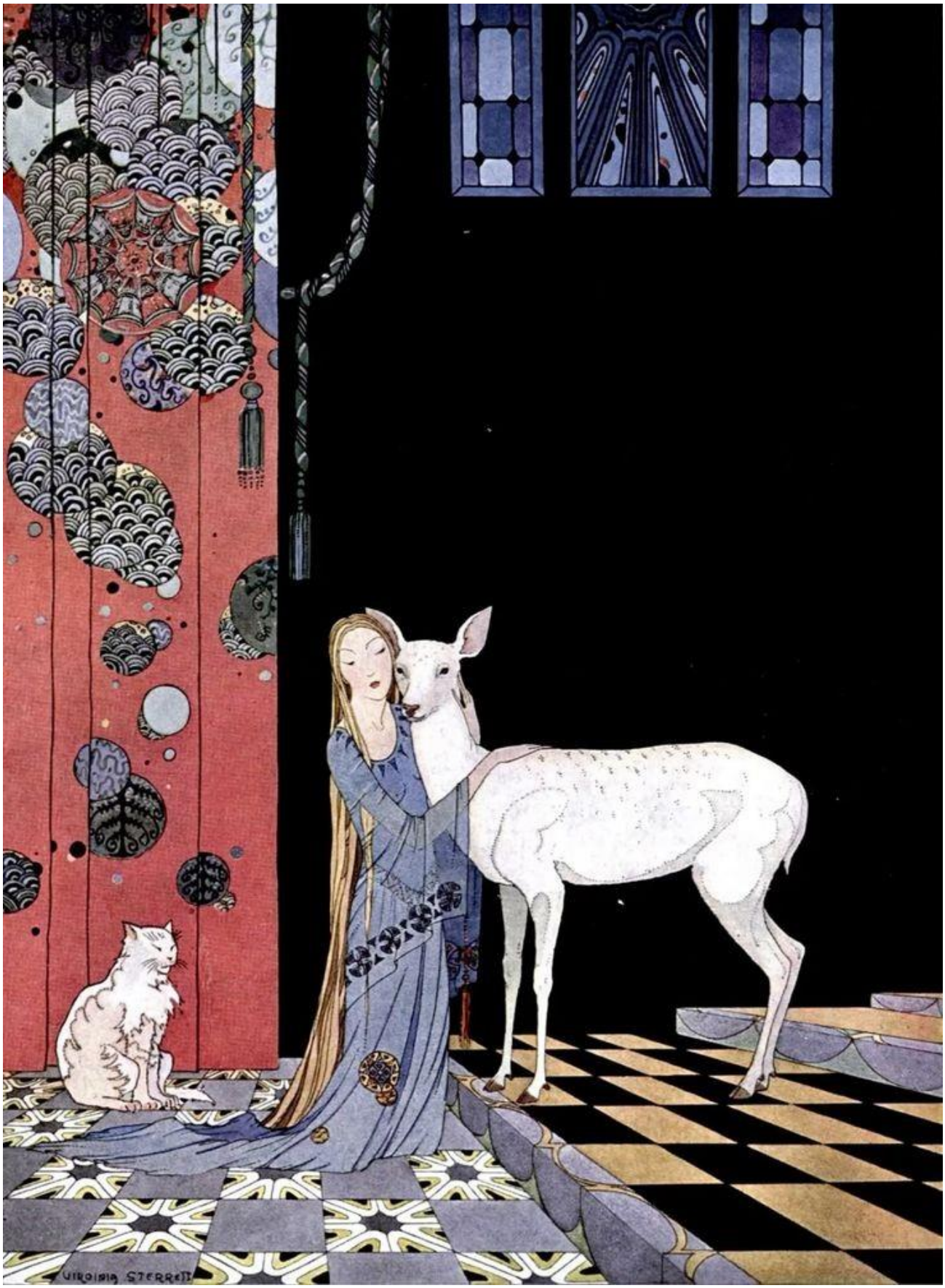
O almoço foi uma verdadeira delícia: frangos e galinhas, artisticamente preparados, a mais fina caça, os mais delicados peixes, doces de confeitaria e caseiros, dos mais prelibados.

Lourinha estava realmente faminta e de tudo experimentou, achando as iguarias do mais excelente sabor.

Depois da refeição, Corça-branca e Bichano levaram Lourinha para o jardim, onde esta encontrou as mais suculentas frutas e passeou, durante bastante tempo, pelas deliciosas alamedas, maravilhosamente adornadas de flores e plantas raras. Tendo passeado longamente por todos os recantos, entusiasmada por tudo quanto via, Lourinha voltou para dentro do castelo, em companhia dos dois amigos. Sentia-se cansada. Corça-branca sugeriu-lhe que deitasse, o que Lourinha aceitou com multa satisfação.

Entrou em seu quarto de dormir, onde duas gazelas a aguardavam para servi-la. Elas ajudaram-na a despir-se, deitaram-na delicadamente e puseram-se junto à cama, uma de cada lado, para velar-lhe o sono.

Lourinha não demorou para adormecer, não sem antes pensar saudosamente no querido papai e derramar lágrimas sentidas pela separação que a torturava.


VIRGINIA STERRETT

UM SONO MARAVILHOSO

Lourinha dormiu profundamente e, quando despertou, pareceu-lhe já não ser a mesma. Viu-se muito mais crescida, e teve também a impressão de que seus pensamentos haviam tomado outro desenvolvimento. Percebeu que seu cérebro tinha sido cultivado, recordava-se de uma enorme quantidade de livros que julgava haver lido, enquanto estava imersa no sono. Recordava-se ainda de ter escrito, desenhado, cantado, tocado piano e harpa.

Entretanto, o quarto era ainda aquele que Corça-branca lhe mostrara na véspera e onde se deitara na noite anterior.

Agitada, inquieta, levantou-se, correu para a frente de um espelho, e viu que crescera de fato. Ou melhor, devemos confessar que ela se achou bem mais graciosa do que era antes de deitar-se. Cem vezes mais! Seus belos cabelos louros desciam-lhe até aos pés, a cor rosada da cútis, os brejeiros e encantadores olhos azuis, o narizinho bem modelado, a boquinha rubra e a cinturinha sutil e graciosa, tornavam-na a mais bela figura de moça jamais vista ou imaginada.

Intensamente comovida, quase assustada, vestiu-se às pressas e correu em busca de Corça-branca, que se encontrava no apartamento onde a vira pela primeira vez.

- Corça-branca! Corça-branca! - gritou. - Explique-me, por favor, a estranha metamorfose que vejo e sinto em mim. Adormeci, ontem à noite, ainda uma menina, e, esta manhã, ao acordar, vi que me tornara adulta! Não será uma ilusão? Ou cresci realmente, durante a noite?

- É bem verdade, minha cara Lourinha; hoje, você está com catorze anos... porque o seu sono durou nada menos que sete anos.

- Meu filho Bichano e eu quisemos poupar-lhe os aborrecimentos dos primeiros estudos. Quando você chegou aqui, não sabia nada, nem tampouco ler, pois era analfabeta. Eu a fiz dormir por sete anos e nós passamos todo esse tempo ensinando-lhe tudo quanto é necessário a uma menina saber, ainda mais princesa. Mas, percebo, pelo seu olhar atônito, que está duvidando de seus conhecimentos. Vamos eliminar logo essa dúvida. Queira vir comigo até ao seu gabinete de estudos e constate você mesma aquilo que sabe.

Lourinha acompanhou Corça-branca até ao gabinete. Correu ao piano e se pôs a tocar. Com grande espanto seu, verificou que tocava muito bem. Experimentou a harpa, e notou que extraía dela as mais suaves melodias. Cantou maravilhosamente. Apanhou lápis e pincéis e desenhou e pintou com real maestria, demonstrando grande talento em pintura, não encontrando dificuldade alguma em tudo quanto executava, como se não houvera feito outra coisa em toda a sua vida.

Percorreu, com os olhos, todos os volumes ricamente encadernados, enfileirados nas estantes, e lembrou-se de que lhe eram velhos conhecidos, pois os lera da primeira à última página. Surpreendida alegremente, atirou-se ao pescoço de Corça-branca, num entusiástico abraço, manifestando-lhe toda a sua gratidão. Beijou meigamente Bichano e disse a ambos:

- Oh! Meus bons, queridos e verdadeiros amigos, quanta gratidão lhes devo, por haverem cuidado de tal maneira de minha infância, cultivando assim, minha mente e meu coração! Sou-lhes imensamente reconhecida, sim, porque sinto que tudo melhorou e progrediu em mim, e devo esse milagre somente a vocês!

Corça-branca retribuiu-lhe as carícias. Bichano lambia-lhe carinhosamente as mãos. Quando as primeiras efusões se foram acalmando, Lourinha baixou o olhar e disse, timidamente, meio envergonhada:

- Não me julguem ingrata, meus bondosos e queridos amigos, se lhes peço para acrescentar mais um benefício aos muitos que recebi de vocês. Digam-me, que está fazendo meu pai? Chora ainda meu desaparecimento? Sente-se feliz, depois que me perdeu?

- O seu desejo, querida Lourinha, é bastante legítimo para deixar de ser satisfeito. Olhe nesse espelho e nele verá tudo quanto aconteceu na corte, desde que você partiu, e como seu pai se encontra neste momento.

Lourinha ergueu o olhar e viu, no espelho, o aposento de seu pai, o rei Benigno. Ele caminhava em todas as direções, mãos às costas, em atitude de quem se sente bastante preocupado. Parecia estar à espera de alguém. A rainha Finória entrou e contou-lhe que Lourinha, apesar das recomendações e da insistência de Glutão, quisera guiar, ela própria, os avestruzes, que se haviam rebelado e corrido para a Floresta das Açucenas, acabando por fazer a carruagem capotar. Na queda, que se verificara junto ao portão da floresta, Lourinha caíra violentamente e fora parar do outro lado. Glutão perdera a cabeça com o acidente o acidente, pois esperava severo castigo, e, por isso, ela, a rainha, mandara-o para sua terra.

O rei demonstrou sinais de grande desespero, ao ouvir a falsa narrativa. Correu até à Floresta das Açucenas e foi preciso que todos empregassem a força para impedir-lhe que se atirasse, também, através do portão fatal, em busca de sua adorada Lourinha. Foi reconduzido para o castelo e caiu na mais negra dor, chamando, sem cessar, sua querida Lourinha, sua inesquecível menina. Finalmente, adormeceu e viu, em sonhos, Lourinha, no parque de Corça-branca e Bichano. Corça-branca confortou-o, prometendo-lhe que a infância de Lourinha transcorreria calma e feliz.

O espelho ofuscou-se; Lourinha nada mais conseguiu enxergar. Depois, retornou à sua limpidez e a princesinha pôde ver novamente o rei seu pai. Estava envelhecido, seus cabelos se haviam tornado completamente brancos. Parecia triste, segurava um retrato da filha desaparecida, entre as mãos, contemplava-o e beijava-o seguidamente, regando-o de lágrimas. Achava-se sozinho, pois Lourinha não viu a rainha Finória nem tampouco a princesa Morena.

E, então, a inconsolável Lourinha chorou amargamente.

-Por que meu pai não tem ninguém a seu lado? - indagou com voz trémula. - Onde estão a rainha e Morena?

-A rainha demonstrou bem pouco desgosto com a morte de você (sim, porque ela acredita mesmo que você morreu) e o rei ficou tão horrorizado com tamanha indiferença que a mandou de volta ao pai, ao rei Turbulento, que a encerrou numa torre, onde a malvada morreu, dentro de poucos meses, de raiva e tédio. Quanto a sua irmãzinha Morena, ela se tornou tão má e insuportável, que o rei se apressou em casá-la, no ano passado, com o príncipe Violento, que se encarregou de reformar o temperamento malvado e invejoso de Morena. Ele a trata rudemente, e ela começa a compreender que sua perversidade não lhe acarreta felicidade alguma, pelo que se está tornando um pouco mais compreensiva. Algum dia, você tornará a vê-la e acabará por emendá-la, mediante seu exemplo.

Lourinha agradeceu efusivamente a Corça-branca, por haver-lhe permitido conhecer todos esses pormenores e ter notícias de seu pai. É verdade que sentiu vontade de perguntar-lhe:

- “Quando voltarei a ver meu pai e minha irmã?”, mas, receou parecer muito apressada em abandonar aqueles amigos tão bondosos, demonstrar-se ingrata. Por isso, aguardou melhor ocasião para formular tal pergunta.

Os dias transcorriam agradavelmente para Lourinha, pois a princesa entretinha-se com tantas coisas, mas às vezes a tristeza, a saudade a dominavam. Ela somente podia conversar com Corça-branca, porém esta se encontrava com ela apenas às horas das lições e à mesa. Bichano só sabia responder e fazer-se entender por meio de sinais. As gazelas serviam Lourinha com bastante zelo e inteligência, mas nenhuma delas podia conversar.

Lourinha passeava, sempre acompanhada por Bichano, que lhe indicava os mais lindos logradouros, os jardins mais encantadores. Corça-branca conseguira de Lourinha a promessa de jamais ultrapassar a sebe que circundava o parque e de maneira alguma penetrar na floresta. Muitas vezes a princesa perguntara a Corça-branca o motivo dessa proibição. E Corça-branca respondia sempre da mesma forma, suspirando:

- Ah! Lourinha, não me peça nunca para entrar na floresta! É uma floresta mal-afortunada. Desejo-lhe que nunca ponha o pé ali!

Às vezes, Lourinha subia até um pavilhão, que havia ao alto de uma colina muito pitoresca, à margem da floresta. Dali, ela podia admirar árvores magníficas, flores maravilhosas, milhares de pássaros que cantavam e esvoaçavam, parecendo convidá-la a brincar com eles.

- Quem sabe lá por que Corça-branca não quer deixar-me brincar nessa linda floresta! Que perigos poderia correr, sob sua poderosa proteção?

E todas as vezes que assim refletia, Bichano, que parecia compreendê-la, miava, puxava-a pela barra do vestido e obrigava-a a deixar, depressa, o pavilhão.

Lourinha sorria, mas acompanhava Bichano e recomeçava seu passeio pelo solitário parque.

VIRGINIA
STERRETT

O PAPAGAIO

Já fazia quase seis meses que Lourinha despertara de seu sono de sete anos. O tempo era-lhe interminável e a lembrança do pai torturava-a e entristecia-a. Parecia que Corça-branca e Bichano lhe adivinhassem a mágoa. Bichano miava sentidamente e Corça-branca suspirava.

Lourinha falava muito raramente de suas penas, porque receava ofender Corça-branca, que lhe respondera, em duas outras ocasiões:

-Você irá rever seu pai, Lourinha, quando completar quinze anos, caso continue a ser assim boazinha. Mas, creia em mim, que sou sua amiga, não se preocupe com o futuro e, acima de tudo, não tente abandonar-me.

Certa manhã, Lourinha estava triste e sozinha; meditava sobre sua estranha e monótona existência. Subitamente, três pancadinhas, batidas de leve na vidraça, distraíram-na de suas fantasias. Erguendo a cabeça, viu um Papagaio, cujas penas eram de um verde maravilhoso, com o pescoço e o peito amarelos.

Bastante surpresa ante aquela aparição, Lourinha abriu a janela e deixou o Papagaio entrar no quarto. E qual não foi seu espanto, ao ouvir a ave dirigir-lhe estas palavras, com voz de falsete:

-Bom dia, Lourinha! Sei que, às vezes, se encontra aborrecida, não tendo com quem conversar, por isso vim até aqui para palestrarmos um pouco. Mas, pelo que possui de mais sagrado, não diga a ninguém que me viu, porque Corça-branca me arrancaria a cabeça.

- Por que ela o trataria tão cruelmente, belo Papagaio? Corça-branca tem um coração de ouro e não faria mal a ninguém. Ela somente odeia os maus.

- Lourinha, se não me prometer conservar em segredo esta visita, nada contando a Corça-branca e a Bichano, eu me irei imediatamente e nunca mais voltarei.

- Está bem, se é assim, belo Papagaio, eu o prometo. Vamos conversar um pouco, pois faz tanto tempo que não falo com alguém. Você me parece alegre, divertido, e me agradará, tenho certeza.

Lourinha ouviu o falatório do Papagaio, que lhe teceu centenas de elogios sobre sua beleza, seu talento e sua inteligência. Lourinha sentia-se enormemente feliz, mas, uma hora depois, prometendo voltar no dia seguinte, o Papagaio voou dali.

Na verdade, ele retornou no dia seguinte e, durante vários dias ainda, continuou a cumprimentá-la e diverti-la. Uma bela manhã, bateu na vidraça, dizendo-lhe:

- Lourinha, Lourinha, abra depressa, venho trazer-lhe notícias de seu pai, mas, por favor, não faça ruído, se não quiser que me arranquem a cabeça.

Lourinha abriu logo a janela e disse ao Papagaio:

- Então é verdade, meu belo Papagaio, que deseja dar-me notícias de meu pai? Fale logo, vamos! Que está fazendo ele? Como vai passando?

- Seu pai está passando muito bem, Lourinha. Mas, como chora sempre seu desaparecimento, eu lhe prometi empregar todo meu poder para libertá-la desta prisão em que está encerrada; porém, não posso fazer nada sem o seu auxílio.

- Minha prisão! - exclamou Lourinha. - Então, estou vendo que você ignora todas as gentilezas que Corça-branca e Bichano me proporcionam, com que cuidados trataram de minha educação, quanta ternura me oferecem! Creio que eles se sentiriam bem felizes, se soubessem existir um meio para eu voltar para junto de meu pai! Venha comigo, meu belo Papagaio, rogo-lhe, quero apresentá-lo a Corça-branca.

- Ah! Lourinha! retrucou o Papagaio, sempre com sua vozinha de falsete. -Você não conhece Corça-branca e Bichano! Eles me detestam, porque tenho conseguido, por várias vezes, arrancar-lhes as vítimas das mãos. Você nunca mais verá seu pai, Lourinha, nem tampouco sairá desta floresta, se não destruir, por si mesma, o talismã que a conserva acorrentada aqui.

- Que talismã? - perguntou Lourinha, curiosa. - Não sei que quer dizer, nem por que motivo Corça-branca e Bichano, segundo você, me conservam prisioneira.

- Pelo simples motivo de terem uma companheira na solidão em que se encontram. E, quanto ao talismã, trata-se apenas de colher, com suas próprias mãos, uma Rosa, o que a libertará do exílio e a reconduzirá aos braços ansiosos de seu pai.

- Mas não há uma Rosa sequer no jardim; como poderei colhê-la?

- Isso eu lhe explicarei outro dia qualquer, Lourinha, pois, hoje, não lhe posso contar mais nada. Entretanto, preciso ir-me embora, porque Corça-branca não tardará em chegar, mas, para garantir-lhe acerca do poder da Rosa, experimente pedir uma a Corça-branca, só para ver o que ela lhe responderá. Até amanhã, Lourinha, até amanhã!

E o Papagaio saiu voando, satisfeitíssimo em haver lançado no inocente coração de Lourinha os primeiros germes da ingratidão e da desobediência.

Mal o Papagaio acabara de sair, Corça-branca entrou. Ela parecia agitada.

- Com quem você estava falando, Lourinha? - perguntou Corça-branca, lançando um olhar desconfiado à janela aberta.

- Com ninguém, senhora, respondeu a princesa.

- No entanto, estou certa de ter ouvido vozes.

- Provavelmente, eu devo ter falado sozinha, mentiu Lourinha.

Corça-branca nada replicou. Mas estava triste, e seus olhos reluziam de lágrimas. Lourinha também estava preocupada: as palavras do Papagaio fizeram-na entrever, sob uma nova luz, os cuidados que proporcionavam Corça-branca e Bichano.

Ao invés de pensar que era uma corça que falava, que possuía o poder de tornar inteligentes os bichos, de fazer uma menina dormir durante sete anos, que era uma corça que consagrara aqueles sete anos à enfadonha educação de uma criança ignorante, que uma corça, alojada e servida qual uma rainha, não é uma corça ordinária, ao invés de sentir gratidão por tudo quanto Corça-branca fizera por ela, Lourinha acreditou cegamente no Papagaio, naquele pássaro desconhecido, cuja veracidade ninguém garantia e que não possuía motivo algum para interessar-se por ela a ponto de arriscar a vida para servi-la, mas, apesar de tudo isso, acreditou nele, porque a adulara. Não viu mais com os mesmos olhos reconhecidos a existência suave e feliz que lhe haviam dado Corça-branca e Bichano, e resolveu seguir os conselhos do Papagaio.

- Por que não vejo, entre suas flores, a mais bela, a mais encantadora de todas, a Rosa? - perguntou-lhe, um dia.

Corça-branca estremeceu, perturbou-se, e respondeu:

- Lourinha, Lourinha, não me peça nunca essa flor, que fere a quem a toca! Não me fale jamais da Rosa, Lourinha. Você não sabe que terrível ameaça é para você essa flor!

Corça-branca apresentava um aspecto tão severo, ao pronunciar tais palavras, que Lourinha nem ousou insistir.

O dia expirou melancolicamente. Lourinha ficara perturbada. Corça-branca parecia desgostosa e Bichano se achava muito triste.

No dia seguinte, Lourinha foi até à janela, e, mal a abriu, o Papagaio entrou.

- Então, Lourinha, viu como se atrapalhou toda Corça-branca, quando você lhe falou na Rosa? Prometi revelar a você a maneira de possuir uma dessas lindas flores. Ei-la! Saia do parque, vá até à floresta. Eu a acompanharei e a conduzirei a um jardim, onde se encontra a mais bela Rosa do mundo!

- Mas, como farei para sair do parque? Bichano me segue, sempre, em todos os meus passeios!

- Procure fazer com que ele se afaste, insinuou o Papagaio. - Caso ele insista, então... saia de qualquer jeito.

- Mas, se essa Rosa estiver muito longe, logo darão pela minha ausência!

- Trata-se de uma hora de caminho, nada mais. Não se esqueça de que Corça-branca procurou sempre mantê-la distante da Rosa, para que você não possa libertar-se de seu jugo.

- Então, por que me conserva prisioneira? Poderosa como é, não poderia encontrar divertimentos bem melhores do que educar uma menina?

- Mais tarde, você terá uma explicação ampla desse mistério, Lourinha, quando estiver com seu pai. Seja resoluta: desembarace-se de Bichano, depois do almoço, e vá para a floresta, que estarei lá à sua espera.

Lourinha prometeu, e fechou a janela, receando que Corça-branca a surpreendesse.

Depois do almoço, Lourinha foi para o jardim, como fazia habitualmente. Bichano acompanhou-a, apesar de um resmungo da princesa, que ele retribuiu com um leve miado. Chegada à alameda que conduzia para a saída do parque, Lourinha tentou ainda livrar-se de Bichano, dizendo-lhe:

- Desejo estar um pouco sozinha. Volte para casa, Bichano!

Bichano fez de conta que não ouvira; Lourinha, impaciente, deixou-se levar pela cólera a ponto de enxotá-lo com o pé.

Quando o pobre Bichano se viu repelido tão brutalmente, emitiu um grito lúgubre e fugiu, correndo, para o palácio.

Lourinha estremeceu, ao ouvir aquele grito; parou, ficou prestes a chamar de volta seu amigo, quase desistindo de ir colher a Rosa, e contar tudo a Corça-branca, mas um falso sentimento de vergonha a conteve. Foi até a porta, abriu-a, embora tremendo, e encontrou-se na floresta.

O Papagaio não se demorou em ir juntar-se lhe.

- Coragem, Lourinha, mais uma hora ainda e poderá apanhar a Rosa e rever seu pai!

Estas palavras restituíram a Lourinha o ânimo que principiava a faltar-lhe. Avançou por uma trilha que lhe indicava o Papagaio, voando de ramo em ramo, à sua frente.

A floresta, que ela julgara tão linda, ao admirá-la do alto do pavilhão, tornava-se, agora, cada vez mais intransitável: os troncos e as pedras lhe dificultavam a caminhada, os pássaros haviam emudecido e as flores tinham sumido. Lourinha sentia-se invadir por um inexplicável mal-estar, ao passo que o Papagaio a incitava, incessantemente, a avançar.

- Depressa, depressa, Lourinha! O tempo voa! Se Corça-branca descobrir sua ausência e lhe correr atrás, ela me torcerá o pescoço e você nunca mais verá seu pai!

Lourinha, cansada, ofegante, com os braços arranhados pelos espinhos, os sapatos em pedaços, estava para declarar que renunciava a prosseguir, quando o Papagaio exclamou:

- Eis-nos chegados, Lourinha! Eis o recinto da Rosa!

E Lourinha viu, ao dobrar um canteiro, um pequeno recinto, cuja porta lhe foi aberta pelo Papagaio. Ali, o terreno era árido e pedregoso, mas, ao centro, erguia-se, majestosamente, um belíssimo roseiral, exibindo a Rosa mais bela de todas as rosas do mundo.

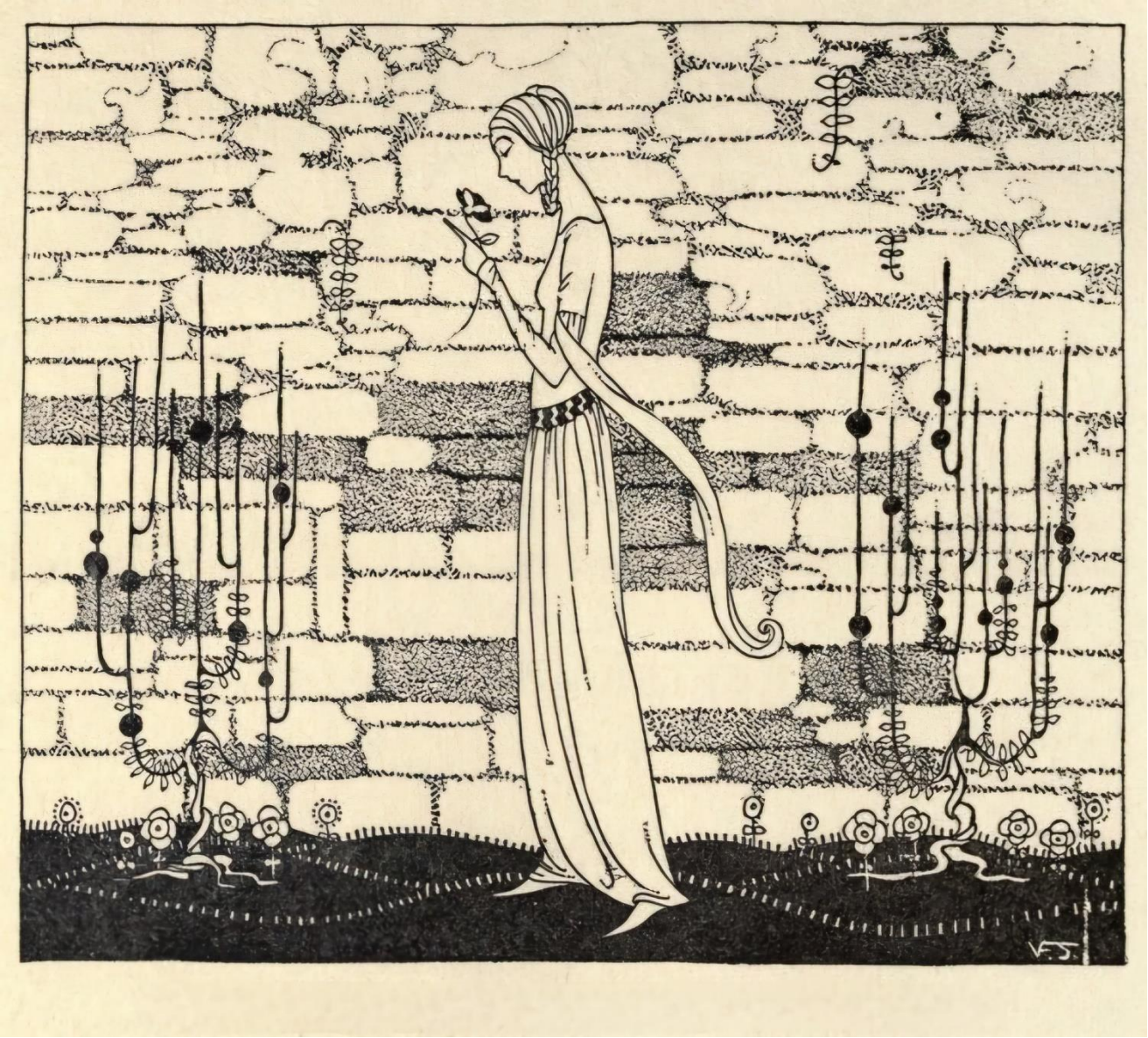
- Apanhe-a, Lourinha, você bem que a mereceu! gritou o Papagaio. Lourinha agarrou o ramo e, apesar dos espinhos que se lhe espetavam nos dedos, colheu a Rosa.

Assim que a teve em seu poder, ouviu uma gargalhada estridente e a Rosa lhe fugiu das mãos.

- Obrigada, Lourinha, por haver-me libertado da prisão em que me conservava o poder de Corça-branca! Sou o seu gênio do mal, e agora você me pertence!

- Ah, ah, ah! - chasqueou o Papagaio, por sua vez. - Obrigado, Lourinha; posso finalmente retomar minha forma de feiticeiro! E seduzi-la foi-me bem mais fácil do que eu pensava. Lisonjeando sua vaidade, eu a tornei ingrata e má. Você causou a perda de seus bons amigos, dos quais sou o mortal inimigo. Adeus, Lourinha!

Após pronunciar essas maldosas palavras, o Papagaio e a Rosa desapareceram, deixando Lourinha completamente só, no seio da floresta.



ARREPENDIMENTO

Lourinha estava estupefata. Seu ingrato comportamento lhe surgiu com todo seu horror. Ela fora mal-agradecida para aqueles amigos, tão dedicados, que haviam passado sete anos cuidando dela, educando-a, instruindo-a. Poderiam ainda, tais amigos, recebê-la novamente, perdoar-lhe? Que seria feito dela, se lhe fechassem a porta? E depois, que significariam as palavras do perverso Papagaio: "Você causou a perda de seus amigos."?

Ela desejou reiniciar a marcha de volta, a fim de regressar para junto de Corça-branca, mas os troncos e os espinhos lhe arranhavam os braços, as pernas, o rosto; todavia, continuou abrindo caminho por entre os arbustos e, após três horas de penoso andar, chegou diante do palácio de Corça-branca.

Não lhes sei dizer ao certo como Lourinha se encontrou quando, em lugar do magnífico palácio de outrora, viu somente ruínas; quando, ao invés de flores e das lindas árvores que o circundavam, viu apenas pedras, cardos e urtigas. Apavorada, desolada, tentou procurar, entre os escombros, algo que lhe pudesse dar um indício qualquer de seus amigos. Um enorme Sapo saiu de sob um montão de pedras, ficou-lhe à frente, e disse-lhe:

- Que está procurando? Não causou, com a sua ingratidão e desobediência, a morte de seus amigos? Saia daqui, vá para longe, não insulte a memória dos coitados, com sua indesejável presença.

- Ah! - exclamou Lourinha. - Pobres amigos meus, Corça-branca, Bichano! Se eu pudesse ao menos expiar, com a morte, a desgraça que lhes causei!

E Lourinha deixou-se cair, soluçando, sobre as pedras. A dor intensa que lhe pungia o coração impedia que sentisse as agudas pontas dos pedregulhos e as picadas dos cardos. Chorou longamente; afinal, levantou-se e olhou em redor de si, procurando descobrir um lugar onde refugiar-se, mas viu apenas ruínas e ervas daninhas. E, em seu desespero, murmurava:

- Pois bem, que importa que um bicho feroz me devore ou que eu morra de fome ou pavor, contanto que termine meus dias aqui, sobre o túmulo de Corça-branca e Bichano?

Enquanto pronunciava tais desatinadas palavras, ouviu uma voz que dizia:

- O arrependimento pode resgatar muitos pecados!

Levantou a cabeça e percebeu um enorme Corvo negro, negro, que voava por cima dela.

- Ai de mim! - exclamou, pesarosa. - O meu arrependimento, por mais amargo que possa ser, terá o poder de restituir a vida a Corça-branca e a Bichano?

-Coragem, Lourinha, prosseguiu a voz. - Emende sua falta com o arrependimento! Não se deixe abater pelo desânimo!

A pobre Lourinha levantou-se e afastou-se daquele lugar de tanta desolação; seguiu um pequeno atalho, que a conduziu para uma parte da floresta onde as colossais árvores estrangulavam os espinhos e onde a terra estava toda revestida de musgo. Lourinha, já quase prostrada pelo cansaço e pela dor, tombou aos pés de uma dessas majestosas árvores e recomeçou a soluçar.

- Coragem, Lourinha, tenha fé! - gritou-lhe, mais uma vez, a misteriosa voz.

Ela olhou em torno de si e notou apenas uma rã, bem perto, que a fitava com muita compaixão.

Pobre rã! disse Lourinha. - Você parece estar com pena de minha dor! Que será de mim, meu Deus, agora que me encontro sozinha no mundo?

- Coragem e esperança! - recomeçou a voz.

Lourinha suspirou, olhou de novo em roda, procurou descobrir alguma fruta para aplacar a sede que a torturava e também calmar a fome que lhe acutilava o estômago.

Mas nada encontrou de útil e recomeçou a chorar.

Um som de campainha a distraiu de seus dolorosos pensamentos.

Olhou meio assustada e viu uma bela vaquinha branca, que se aproximava docemente e que, ao chegar-lhe perto, parou e apontou para uma tigela que trazia presa ao pescoço.

Lourinha, reconhecida por aquele inesperado socorro, pegou a tigela, pôs-se a mungir a vaquinha e bebeu, com delícia e sofreguidão, o delicioso leite. A vaquinha fez-lhe sinal para rependurar-lhe a tigela ao pescoço, e Lourinha obedeceu prontamente. Depois, acariciou o animal e disse-lhe, tristemente:

- Muito obrigada, Branquinha. Devem ser, com certeza, meus amigos que me enviam este caridoso e oportuno socorro; talvez, de um outro mundo, estejam vendo o arrependimento de sua pobre Lourinha e desejem aliviar-me o sofrimento.

- O arrependimento faz perdoar muitos pecados! - insistiu a Voz.

- Ah! - suspirou Lourinha. - Mesmo que eu tivesse que transcorrer anos inteiros chorando minhas culpas, nunca me consideraria perdoada. Meu Deus! Como pude agir tão mal?

Entrementes, a noite ia descendo, com seu manto de trevas. Malgrado sua dor, Lourinha pensou no que poderia fazer para abrigar-se dos animais ferozes, cujos rugidos já lhe chegavam aos ouvidos, ou pelo menos tinha tal impressão.

Vislumbrou, a poucos passos de si, uma espécie de cabana, formada por alguns arbustos, cujos ramos se haviam entrelaçado. Entrou nela, curvando um pouco a cabeça, e viu que, soerguendo alguns galhos, poderia construir uma confortável casinha. Apressou-se com os preparativos, antes que escurecesse de todo. Levou para o improvisado refúgio uma grande quantidade de musgo para servir-lhe de colchão; quebrou alguns ramos, que fincou no chão, a fim de ocultar a entrada da choupana, e deitou-se, quebrantada de fadiga.

Quando despertou, o sol já estava alto. No primeiro instante, não conseguiu coordenar seus pensamentos, dar-se conta de sua situação, mas a dura verdade lhe surgiu prontamente, e recomeçou a chorar e a gemer.

Todavia, a fome recomeçou a fazer-se sentir e Lourinha precisou pensar em descobrir algo de comer. Subitamente, ouviu de novo o agradável som da sineta da vaquinha e, dali a poucos minutos, Branquinha estava perto dela. Como no dia anterior, Lourinha apanhou a tigela e mungiu o animal. Quando terminou de beber o leite, recolocou a tigela em seu lugar, acariciou o providencial ruminante, na esperança de revê-lo durante o dia.

Na verdade, todos os dias, à hora da refeição, Branquinha aparecia e fornecia o saboroso alimento, que servia para nutrir Lourinha.

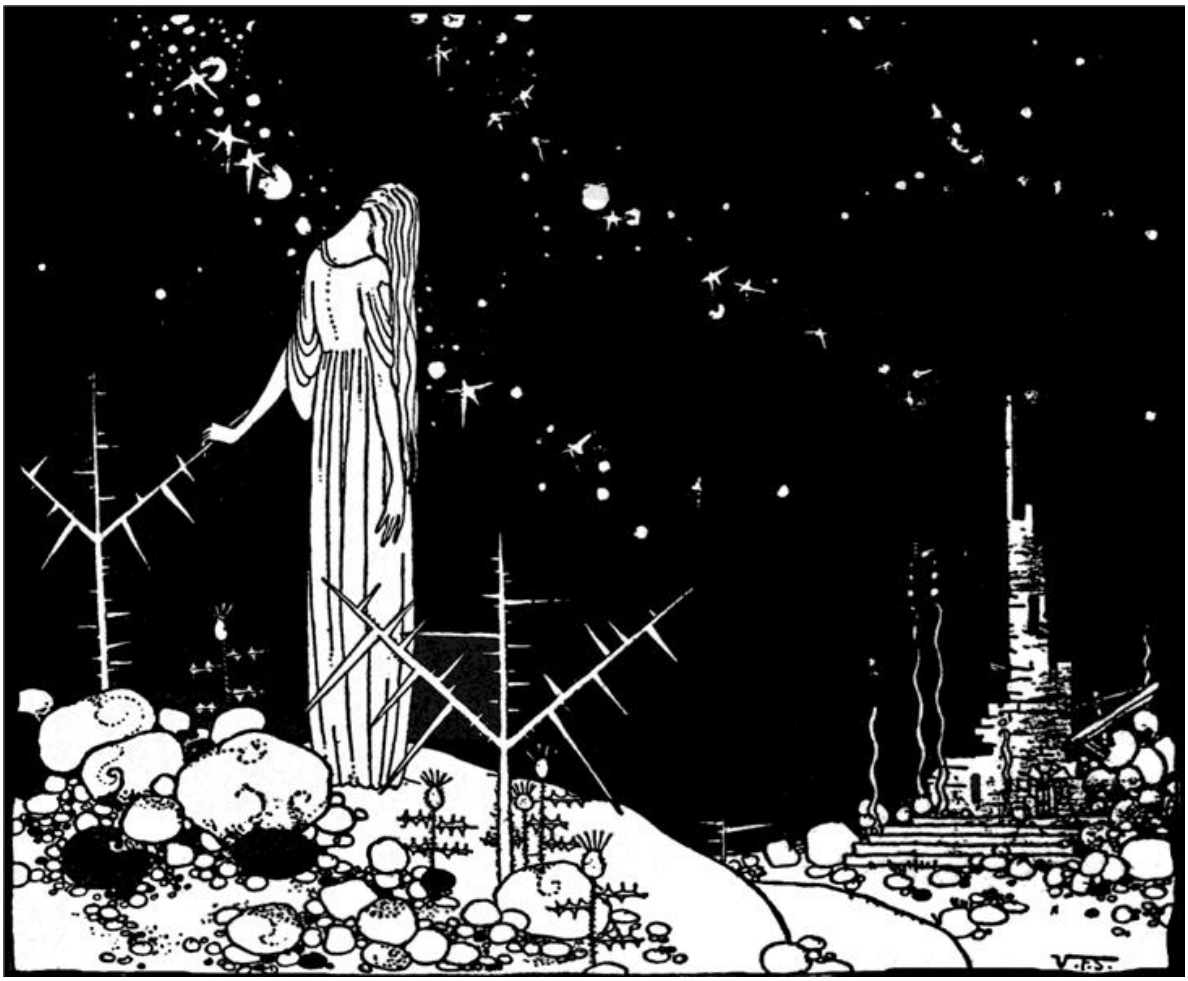
Lourinha passava o tempo chorando de saudade de seus desaparecidos amigos, censurando-se amargamente suas faltas.

Por causa de minha desobediência, dizia, choramingando causei graves desgraças, e não está em minhas mãos repará-las.

Não só perdi meus bons e leais amigos, mas me privei do único meio de rever meu pai que, talvez, ainda esteja à espera de sua Lourinha, sua pobre Lourinha, condenada a viver e a morrer nesta negra solidão, nesta espantosa floresta, onde reina um medonho gênio.

Lourinha procurava distrair-se e ocupar-se em algo, de todas as maneiras possíveis. Melhorara sua cabana, preparara um leito bem mais confortável, com musgo e folhas, que ali havia em abundância. Conseguira prender uns aos outros alguns galhos e formara um rudimentar banquinho; utilizara alguns compridos espinhos e deles fizera alfinetes e agulhas; fabricara uma espécie de fio, com cânhamo colhido junto à choupana, e isso servira para remendar os restos de seu calçado, que os troncos e as pedras haviam reduzidos a farrapos.

E assim foi vivendo, durante seis semanas. Sua mágoa não diminuía, mas, precisamos dizer, em seu louvor, que não era a vida solitária e triste que levava a causa de seu desgosto, que não a deixava ficar em paz, mas sim seu sincero arrependimento, devido à falta cometida.



A TARTARUGA

Um dia, sentada no limiar de sua rústica choupana, pensando melancolicamente em seus amigos e no pai, Lourinha viu surgir diante de si uma enorme Tartaruga.

-Lourinha, disse-lhe a Tartaruga, com voz pausada e suave. - Se você quiser ficar sob minha proteção, eu a farei sair desta floresta.

- E por que, Dona Tartaruga, devo sair desta floresta? Aqui, causei a morte de meus amigos e aqui desejo morrer.

- Está mesmo certa da morte deles, Lourinha?

- Como?! Aconteceria, por acaso que...! Oh, não! Eu vi o castelo em ruínas e o Papagaio e o Sapo disseram-me que eles não mais existiam. Você pretende consolar-me, por mera bondade, sem dúvida, mas, ai de mim! Não alimento mais esperança alguma de revê-los! Se estivessem vivos, talvez me deixassem aqui sozinha, no tremendo desespero de haver-lhes causado a morte, não acha?

- Quem lhe disse, Lourinha, que este abandono não seja forçado, que também não estejam dominados por um poder maior que o deles? Você bem sabe, Lourinha, que o arrependimento resgata muitas culpas.

- Ah! Dona Tartaruga, se realmente eles ainda existem, se você pode dar-me notícias, diga-me, que sempre chorarei de arrependimento por causa do mal que lhes causei; diga-me se algum dia voltarei a vê-los! Não há castigo que eu não aceite para fazer jus a tamanha felicidade!

-Lourinha, não me é permitido dizer-lhe a sorte que coube a seus amigos, mas, se você tiver coragem de trepar nas minhas costas, de ali permanecer durante seis meses, sem dirigir-me qualquer pergunta até ao fim de nossa viagem, eu a conduzirei a um lugar onde tudo ficará esclarecido.

- Farei tudo quanto a senhora quiser, Dona Tartaruga, desde que eu fique, mais tarde, sabendo o que aconteceu a meus queridos amigos.

- Tome cuidado, Lourinha: seis meses sem descer de minhas costas, sem dirigir-me uma só palavra! Uma vez em marcha, se você não tiver coragem de ir até ao fim, ficará eternamente em poder do Papagaio feiticeiro e de sua irmã, a Rosa, e eu não poderei sequer continuar mais a fornecer-lhe os pequenos auxílios, graças aos quais você não pereceu nestas seis semanas.

- Partamos, então, Dona Tartaruga, partamos imediatamente, pois prefiro morrer de fadiga e tédio do que de dor e ansiedade. Desde que suas palavras fizeram brotar em meu coração uma leve esperança, sinto-me tão corajosa que posso empreender uma viagem bem mais difícil do que a que me acaba de propor.

- Pois bem, que tudo seja feito segundo sua vontade, Lourinha. Suba nas minhas costas e não receie a fome, a sede, nem tampouco o sono e muito menos acidentes, durante nossa longa viagem. Enquanto estivermos em marcha, você não deverá ter medo de nenhum desses inconvenientes.

Lourinha obedeceu e empoleirou-se na carapaça da Tartaruga. -E agora, muito silêncio! recomendou-lhe esta. Nem um pio, enquanto não houvermos chegado e eu não houver falado em primeiro lugar.

A viagem de Lourinha durou, tal como previra a Tartaruga, seis meses. Foram necessários três meses só para saírem da floresta. Depois, encontraram-se numa árida planície, que foi atravessada em seis semanas. Findas estas, viram um castelo, que lhes recordava o da Corça-branca. Foi preciso mais um mês inteirinho antes de chegarem à extensa alameda que conduzia para o imponente edifício; Lourinha ralava-se de impaciência.

Encontraria, no castelo, seus amigos? Conheceria ela, finalmente, a sorte de Corça-branca e de Bichano? Como seria recebida por ambos? Roía-se de curiosidade, mas, assim mesmo, soube conter-se e nada perguntou à Tartaruga. Se pudesse descer e ir a pé, tinha certeza de que percorreria a distância em menos de dez minutos, mas a Tartaruga ia sempre caminhando lentamente e Lourinha recordava-se da promessa que fizera, de não falar nem descer dali. Resignou-se, portanto, a esperar os acontecimentos, embora ardesse de impaciência. Tinha a impressão de que a Tartaruga, ao invés de se apressar, ia andando sempre mais devagar e levou ainda quinze dias, que a Lourinha pareceram quinze séculos, para percorrer aquela alameda.

Lourinha não perdia de vista o castelo nem seu portão de ingresso. O castelo parecia estar deserto, não vinha dali o mínimo ruído nem se notava qualquer movimento.

Finalmente, após cento e oitenta dias de viagem, a Tartaruga parou e disse a Lourinha:

- Agora, Lourinha, pode descer. Você conquistou, com sua coragem e obediência, a recompensa que eu lhe prometera. Entre pela porta que lhe está à frente e pergunte, à primeira pessoa que lhe aparecer, pela fada Benévola. Esta lhe dará notícias de seus amigos.

Lourinha saltou prontamente para terra. Ela receava que, depois de uma imobilidade tão prolongada, suas pernas se houvessem enrijecido, mas se sentiu tão leve como nos tempos em que vivera feliz no castelo de Corça-branca, e corria horas inteiras pelos jardins, colhendo flores ou perseguindo lindas borboletas.

Após haver agradecido efusivamente à Tartaruga, ela abriu precipitadamente a porta indicada e encontrou-se diante de um pequeno vulto feminino, todo vestido de branco, que lhe perguntou, em voz muito meiga, o que desejava ali.

- Desejo ver a fada Benévola, respondeu Lourinha. - Diga--lhe, Senhorita, que a princesa Lourinha lhe roga vivamente recebê-la.

-Siga-me, princesa! - convidou a mocinha.

Lourinha seguiu-a, tremendo. Atravessou diversas salas belíssimas, encontrou várias adolescentes, trajadas da mesma forma que aquela que a recebera e que olhavam para ela, sorrindo amistosamente, como se a conhecessem de há muito. Chegou, finalmente, a uma sala semelhante em tudo e por tudo àquela que Corça-branca tinha na Floresta das Açucenas. Esta recordação chocou-a tão dolorosamente que nem percebeu a retirada de sua acompanhante. Examinando tristemente a tapeçaria da sala, notou que havia, ali, um único móvel que Corça-branca não tinha na Floresta das Açucenas, ou seja, um enorme armário de marfim, de feitio esquisito.

O estranho móvel estava fechado. Lourinha sentia-se atraída para ele por um indefinível sentimento; contemplava-o, sem poder tirar os olhos dali, quando uma porta se abriu: uma senhora belíssima e ainda moça, esplendidamente trajada, entrou e aproximou-se de Lourinha, perguntando-lhe, com voz meiga e acariciante:

- Que deseja de mim, minha menina?

-Oh! Senhora! - exclamou Lourinha, atirando-se aos pés da recém-chegada. - Disseram-me que pode dar-me notícias de meus queridos e inolvidáveis amigos Corça-branca e Bichano. Deve certamente saber, Senhora, que eu os perdi devido a uma incrível e imperdoável

desobediência. Chorei-lhes a memória por longo tempo, julgando-os mortos, mas a Tartaruga, que me trouxe até aqui, deu-me a esperança de encontrá-los, algum dia. Diga-me, Senhora, se eles ainda vivem e que devo fazer para merecer a felicidade de revê-los?

- Lourinha, respondeu a fada Benévola. - Tristemente você vai conhecer o destino de seus amigos, mas, seja lá o que for que você vir, não perca a esperança nem a coragem.

E, ao pronunciar estas palavras, ela ajudou Lourinha a levantar-se e conduziu-a para diante do estranho armário, que lhe provocara curiosidade.

- Eis aqui, Lourinha, a chave deste armário. Abra-o você mesma e reserve muita coragem.

E, após estas palavras, entregou a Lourinha uma chave de ouro. Lourinha abriu o armário, com as mãos trémulas... E como ficou estarrecida, quando viu as peles de Corça-branca e de Bichano, presas com pregos de brilhantes! Ante aquela visão, Lourinha emitiu um grito dilacerante e caiu, sem sentidos, nos braços da fada Benévola.

A porta abriu-se novamente e um príncipe, belo como o Sol, atirou-se para Lourinha, exclamando:

- Oh! Minha mãe, a prova é demasiado forte para a nossa querida Lourinha!

- Infelizmente, meu filho, meu coração sangra de dor por ela, mas você sabe que esta última punição era indispensável para libertá-la para sempre do cruel jugo do gênio mau da Floresta das Açucenas.

Após pronunciar tais palavras, a fada Benévola tocou a princesa com sua varinha mágica. Lourinha imediatamente voltou a si e, desolada e soluçante, gritou:

- Deixem-me morrer! Odeio a vida! Não mais existe esperança para mim, nem tampouco felicidade! Meus amigos, amigos meus queridos, logo irei ter com vocês!

- Lourinha, querida Lourinha , disse a fada, estreitando-a entre os braços. - Amorosamente seus amigos vivem, e ainda a adoram! Eu sou Corça-branca, e aqui está meu filho Bichano! O gênio mau da Floresta das Açucenas, aproveitando-se de uma negligência de meu filho, conseguira apoderar-se de nós e transformou-os naqueles animais, sob cuja forma você nos conheceu. Nós não poderíamos readquirir nossa primitiva figura enquanto você não colhesse a Rosa, que eu sabia ser seu gênio mau e que eu conservava prisioneiro. Eu a colocara o mais distante possível do castelo para subtraí-la aos meus olhares, pois sabia a que desgraças você ficaria exposta, se libertasse seu gênio mau e o Céu é testemunha de que meu filho e eu teríamos preferido permanecer, para o todo o sempre, Corça-branca e Bichano, a fim de poupar--lhe as cruéis provas por que foi obrigada a passar. O Papagaio conseguiu aproximar-se de você, apesar de todas as nossas precauções. O resto já sabe, minha querida menina, mas, o que ignora ainda é o quanto temos sofrido, ao ver suas mágoas e seu isolamento!

Lourinha não se cansava de abraçar e reabraçar a fada nem de agradecer a ela e ao filho, o jovem príncipe. Finalmente, lembrou-se de algo e fez uma pergunta:

- E que aconteceu com as gazelas que nos serviam no castelo?

- Você já as viu, Lourinha: são as mocinhas que a acompanharam até aqui. Elas tinham, como nós, sofrido aquela horrível metamorfose. Fomos nós que obtivemos, da Rainha das Fadas, aqueles pequenos socorros que a conservaram viva, e também as palavras encorajadoras do Corvo eram proferidas por nós.

-Então, foi a Senhora também que me enviou a Tartaruga?

-Sim, Lourinha. A Rainha das Fadas, comovida com a dor e o sincero arrependimento de você, tirou do gênio da floresta todo o poder maléfico, sob a condição de que passasse pela última prova de submissão, obrigando-a a realizar esta monótona e longa viagem, tão aborrecida, e infligir lhe um último castigo, fazendo-lhe crer que eu e meu filho tínhamos morrido. Eu roguei e supliquei à Rainha das Fadas que lhe poupasse, ao menos, esta última prova, tão dura, porém, ela se manteve inflexível.

Lourinha não se cansava de ouvir, de olhar, de abraçar seus amigos perdidos desde tanto tempo e que temera nunca mais encontrar. Subitamente, a lembrança de seu pai assaltou-a. O Príncipe Perfeito adivinhou-lhe o desejo e transmitiu-o à fada, que disse:

-Lourinha, prepare-se para uma boa notícia: vai rever seu pai. Ele já foi prevenido, e está à sua espera.

No mesmo instante, Lourinha encontrou-se dentro de um riquíssimo coche de ouro e pérolas. A sua direita, estava a fada Benévola e, a seus pés, o Principe Perfeito, que a contemplava, feliz e embevecido. A carruagem era puxada por quatro cisnes, de deslumbrante candura.

Eles voaram com tamanha velocidade que foram suficientes apenas cinco minutos para chegarem ao palácio do rei Benigno.

Toda a corte do rei estava reunida em torno do soberano e, quando o maravilhoso carro apareceu, explodiram aplausos e exclamações de alegria tão ensurdecedores que pouco faltou para os cisnes perderem a cabeça e errarem o caminho. O príncipe, que os guiava, felizmente chamou-lhes a atenção e o coche parou aos pés da escadaria do palácio.

O rei Benigno lançou-se para Lourinha que, saltando ao chão, atirou-se entre os braços do querido papai. E ambos permaneceram, durante muito tempo, abraçados, sem conseguir murmurar uma só palavra. Todos choravam, mas, desta vez, era de legitima satisfação.

Assim que o rei se reanimou daquela forte emoção, beijou respeitosamente a mão da fada, que lhe restituíra Lourinha, depois de havê-la educado e protegido. Abraçou o Principe Perfeito, ao qual também muito admirou, e achou-o belo e simpático.

Houve oito dias de festejos, devido à volta de Lourinha, em seguida aos quais a fada manifestou desejos de retornar ao seu palácio. Mas o Príncipe Perfeito e a Princesa Lourinha se encontravam tão tristes e acabrunhados, ante a perspectiva de uma iminente separação, que o rei Benigno concordou com a fada, em que ambos nunca mais deviam separar-se.

Em conclusão: o rei Benigno desposou a fada Benévola e Lourinha casou-se com o Principe Perfeito, o qual, à medida que os dias se passavam, mais adorava sua meiga e linda esposa.

E Morena? Ah! Morena, que finalmente melhorara e corrigira seu mau caráter, vinha, frequentemente, visitar Lourinha.

O Príncipe Violento, seu marido, igualmente se tornou mais compreensivo, dia a dia, ao ver que Morena melhorara bastante e, assim, também eles passaram a viver mais felizes, pois, sem bondade e amor, a vida se torna um inferno.

Quanto a Lourinha, nunca mais soube o que foi um instante de dor. Teve filhas, que se lhe assemelhavam em tudo e por tudo, e ainda filhos, que se pareciam extraordinariamente com o Príncipe Perfeito. Todos os admiravam e amavam e, como consequência, todos quantos os rodeavam foram muito felizes.

Conto retirado do livro Lisa - Joias da literatura Infantil (Volume 1)

Ilustrações de Virginia Frances Sterrett.